

+

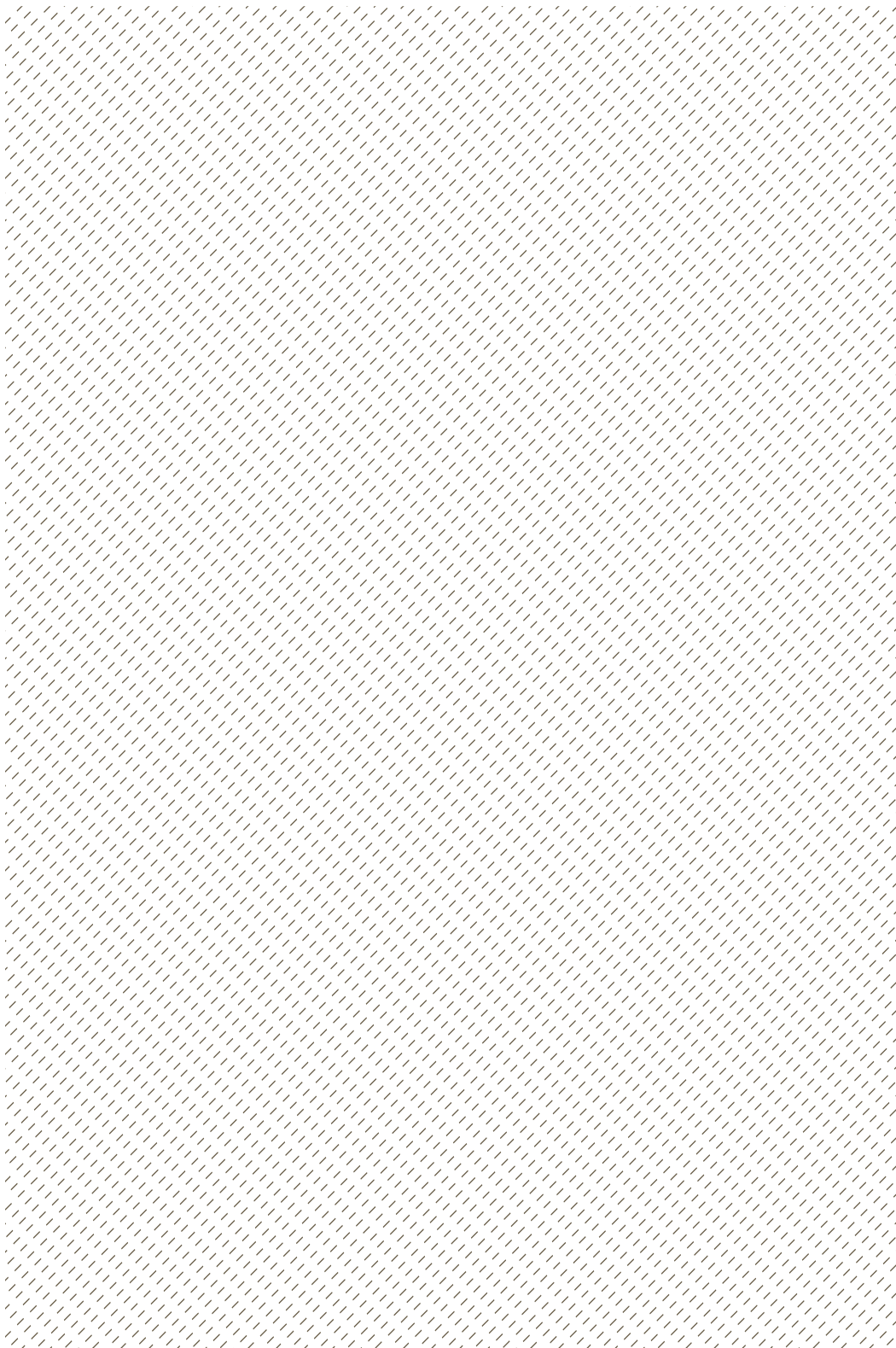
+

*running window*

Jorge Santos

+

+



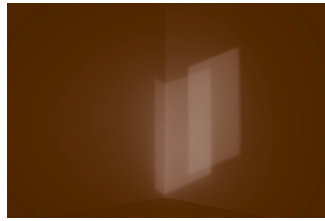
*Running Window* é uma vídeo-instalação de Jorge Santos (1974) criada para o Festival *Temps d'Images* constituída por três obras: *Running Corner*, *Raining Curtain* e *Skylight*. As obras são apresentadas numa sala quadrada com quarto projecções em cada canto e duas ao centro. Esta disposição pretende criar o efeito de um espaço delimitado, fechado, apenas aberto para o exterior através destas *janelas* projectadas, para, desta forma, explorar ideias relacionadas com a arquitectura doméstica.

A sua intervenção pretende investigar mecanismos de percepção e de representação sobre as possíveis interconexões entre o espaço exterior e interior de uma casa. A janela é assim um elemento central para tal reflexão. A ideia de janela estabelece também, de imediato, um paralelismo com a pintura, por ser considerada como uma das metáforas centrais da história da arte pós-renascimento.

Para além da fisicalidade do objecto, uma janela, uma clarabóia, uma cortina, existem dois elementos fundamentais nesta instalação: o movimento e o tempo. Todos os trabalhos assentam sobre o movimento de determinada realidade física - a sombra provocada pelo sol em *Running Corner*, as nuvens em *Skylight* e a chuva em *Running Curtain*. Na verdade, são simulações computorizadas de tais movimentos, cuja ilusão, como na pintura, nos transporta para o interior de uma casa onde seríamos espectadores em potência sem que tal déssemos conta. Os dispositivos que Jorge Santos cria são, nesse sentido, lugares de activação da memória. Através da observação destas projecções, somos incitados a relembrar as nossas experiências visuais face a outras janelas das quais se reflectia a sombra na parede, víamos a chuva ou as nuvens a passar. Somos transportados para uma domesticidade privada e particular, sendo estas obras apenas ponto de partida para uma viagem interior.

A questão do tempo mencionada acima é determinante da estrutura intrínseca destas obras a vários níveis. Por um lado, o tempo da projecção. A visualização dos movimentos visíveis destas janelas, é a visualização do tempo em si. Cada imagem condensa um determinado tempo e a sucessão de imagens torna-o visível. Por outro lado, o tempo do espectador. O tempo da memória e da reflexão, fundamentais ao entendimento e relacionamento com *Running Window*. O tempo da imagem ganha aqui uma dimensão quase literal.

Na realidade, não são as janelas que correm, mas como sempre, o mundo "lá fora". Através de uma encenação de cariz próximo do teatral, *Running Window* transforma o espectador num contemplador, principalmente se este se deixar levar pela delicadeza de cada projecção e pelo tempo que cada uma propõe.



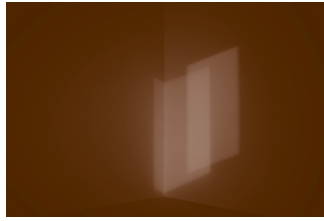
*Running Window* is a video installation by Jorge Santos (b. 1974), created for the *Temps d'Images* Festival, and consists of three works: *Running Corner*, *Raining Curtain* e *Skylight*. All of them are presented in one square room, having four projections in each corner and two in the middle. This disposition intends to enhance the effects of a limited space, closed except for these openings to the outside, these projected windows, thus exploring some ideas about domestic architecture.

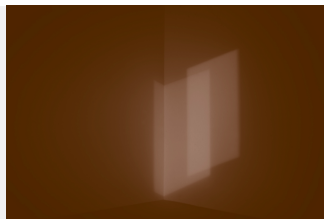
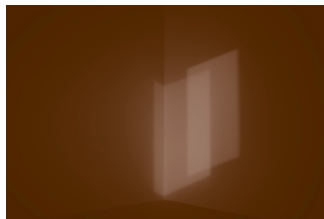
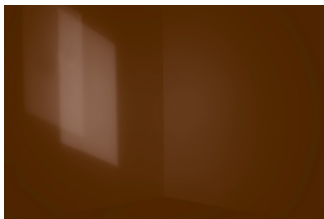
This intervention intends to study a set of mechanisms of perception and representation on the possible relations and connections between a house indoors and outdoors. The window becomes a central feature in such a reflection. The idea of *window* immediately leads us to a parallel *liason* with painting, having been a key metaphor in post-renaissance art history.

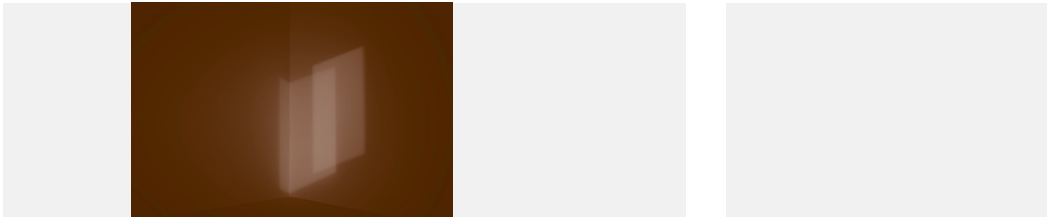
Beyond the physicality of the objects, a window, a skylight, a curtain, two other fundamental elements add up to the composition: motion and time. All the pieces are based on the movement of a certain physical reality - the shadow created by the sun in *Running Corner*, the clouds in *Skylight* and the rain in *Running Curtain*. In fact, they are all computer-generated simulations of these movements; illusions that, just as in painting, carry us to the interior of a house where we are spectators without even realizing it. The mechanisms created by Jorge Santos are, in this sense, memory-activation places. By observing these projections we are led to remember our visual experiences of other windows where we once saw the falling rain, the shadows moving on the opposite wall, the clouds passing by. We are suddenly transported by these works to a private and individual domesticity; they are but the starting point to an inner journey.

Time, as aforementioned, is a determinant element, at more than one level, in the inner structure of these pieces. On one hand, the projection time: watching the movement shown by these windows is watching Time itself; each image concentrates a certain time, made visible by the sequence of images. On the other hand, the spectator's time: time for memory and reflection, fundamental to the acknowledgement and engagement with *Running Window*. Here, the image time assumes an almost literal dimension.

Actually, it is not the window that runs, but, as always, the world "outside". Through a careful *mise en scène*, very close to theatre staging, *Running Window* turns the spectator into a contemplator, especially if he/she chooses to be carried away by the gracefulness of each projection and by the time each one suggests.









Jorge Santos é um desses artistas que se ocupam do imaterial. Um desses artistas que, mais do que das coisas em si, se ocupam das relações entre nós e as coisas, dos fenómenos naturais e dos processos de percepção. Possui essa veia exploradora partilhada pelos poetas e cientistas. E sob a influência desse afã indagatório, constrói espaços que são pequenos poemas visuais cuja beleza formal podemos desfrutar em si mesma; e ainda, ao degustarmos-os, descobrimos, aberto bem ao fundo do paladar, essa presença intensa de sabor onde se revela uma multiplicidade de sombras. Uma multiplicidade de associações de ideias que, num instante, chocam na retina; porque as “vemos”, revivemo-las; como se o impulso eléctrico lançado pelo nosso aparelho ocular ao sistema nervoso viesse agora devolvido pelo cérebro, numa espécie de inversão do processo perceptivo.

No seu último projecto, *Running Window*, Jorge Santos dá forma a um novo espaço escultórico que nos convida a explorar, um espaço para a reflexão. Um ambiente sensorial, situado entre o real e o sonho, que através da sua grande capacidade evocatória consegue captar o visitante e fazê-lo participar do mesmo. Esta facilidade em incluir o espectador na obra é uma das características que descobrimos em todos os trabalhos de Jorge Santos, uma das razões pelas quais estes trabalhos nos trazem sempre grande prazer. *Running Window* é um espaço construído com a minúcia do artesão e a precisão do engenheiro. Aqui, o artista articula uma atmosfera onde as fronteiras entre a natureza e o artifício se desfazem, onde duvidamos se aquilo que observamos são registos de fenómenos naturais ou uma encenação totalmente construída pelo artista, como de facto acaba por ser. Uma vez mais, Jorge Santos oferece-nos um dos seus ambientes brumosos e instáveis, com um resultado tão sugestivo já que, ao privarmo-nos das certezas onde habitualmente nos apoiamos, oferece-nos a oportunidade de fazer da necessidade uma virtude e reposicionarmo-nos, repensarmo-nos e redefinirmo-nos como espectadores e como sujeitos em geral.

*Running Corner*, *Skylight*, e *Running Curtain* são as três projecções que compõem o projecto. Três composições feitas de vazios e de rastros de luz e de tempo. Três obras de uma beleza silenciosa, sem ruídos, quase melancólica, de uma grande simplicidade e com um potencial interrogativo a fazer lembrar os poemas haiku do pensamento zen. Com estas três peças Jorge Santos põe em marcha um universo próprio e independente cheio de poesia, materializando nele as suas reflexões acerca da percepção, ideia em torno da qual todo o seu trabalho orbita. As instalações que compõem *Running Window* remetem assim para um exterior ao qual não temos directo acesso, a não ser através daquilo que parecem ser as suas impressões: umas formas de luz, algo de fumo, uma aparência de vento e de chuva. O artista traz para o interior do espaço expositivo

um exterior definido inteiramente por si, cujas narrativas, tempo e melodia, desdobra cuidadosamente pelo espaço.

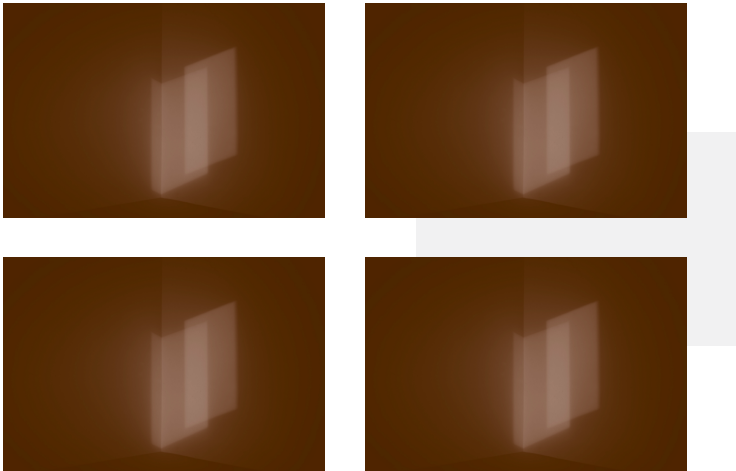
*Running Corner* capta a nossa atenção sem brusquidão. O primeiro pestanejar de luz reclama-nos; com o segundo, e sem mais necessidade de nos convencer, seguimos o foco que descobre à medida que avança, palpitando sobre a superfície da parede. As formas de luz exploram a extensão do espaço, as suas quebras e as suas fronteiras; parecem anotar as suas medidas num pentagrama que se desvanece à medida que se desenha. É uma luz difusa, com uma intensidade depurada, que desenha formas de contornos imprecisos, como aquelas que os *sôji*, nas arquitecturas japonesas tradicionais, deixam penetrar. Com a força expressiva desta luz e do passar do tempo, o artista cria ambientes de uma beleza austera e enigmática, quase mágicos, em espaços humildes como aquele que é uma esquina; não há dúvida de que Jorge Santos é um desses "grandes sonhadores de recantos, de ângulos e de fossos", tão queridos a Gaston Bachelard.

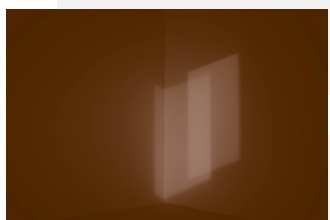
Em *Skylight*, Jorge Santos passa do plano vertical para o plano horizontal, situando a projecção no piso da sala. Desta feita, a janela escolhida para relacionar o interior com exterior é uma clarabóia rectangular cuja sombra remete de imediato para a arquitectura de ferro e cristal oitocentista, para as estações ferroviárias e para os fumos do carvão queimando nas caldeiras, porque o fumo de *Skylight* é demasiado denso e agita-se com demasiada força para ser associado ao vapor de água, e não a matéria orgânica em combustão.

*Raining Curtain* é a terceira peça que nos é apresentada antes de abandonarmos a sala. Jorge Santos imprime o seu cunho pessoal a um recurso amplamente usado pelos artistas cinéticos, dotando-a da poética e da densidade de significados que caracterizam todos os seus trabalhos. A chuva de luz desliza pelas pregas desta tela sem cenário. Como acontece com as peças anteriores, a observação atenta desta peça resulta numa experiência quase hipnótica; os seus movimentos, pausados e incessantes, embalam-nos e conduzem-nos a esse estado de sonolência que roça o transe, como o fazem os cânticos repetidos, desde as canções de embalar aos mantras orientais, que aparentam estar na origem de boas reflexões.

As três peças que compõem *Running Window* exigem-nos que abrandemos o "tempo", à medida que avançamos, e que observamos. Deixam-nos também pistas para podermos fazer uma leitura mais complexa das coisas, descobrindo o que de mais comum nos passa despercebido. Jorge Santos oferece-nos algo mais do que objectos: oferece-nos experiências sensoriais, sensuais e poéticas, cujo gosto acompanha o visitante muito depois deste as abandonar. É este o maior atractivo que detêm os espaços articulados pelo artista que nos ocupa: a facilidade com que estes "activam" o espectador que, inesperadamente, se descobre tanto a participar nas reflexões do artista como a criar as suas próprias. Através da evocação e da metáfora, *Running Window* é um belo desencadear de dúvidas que nos leva a indagar, no nosso vasto espaço interior, as recordações de percepções e dos conhecimentos nelas fundados. É um "espaço reflexivo", um desses mecanismos que põem o espectador em movimento, que o "e-mocionam", que o agitam por dentro, criando uma vibração tão suave como difícil de extinguir.

-





Jorge Santos is one of those artists who deal with the immaterial. One of those artists concerned with, more than with things themselves, the relationships between people and things, natural phenomena and the processes of perception. He has that exploratory drive shared by poets and scientists alike. Under the influence of this inquisitive toil, he builds up spaces that are small visual poems, for us to enjoy their formal beauty for what it is; and yet, while enjoying it, we discover, wide open just deep in the palate, this intense presence of flavour where a multitude of shades is revealed. A multiplicity of chains of thoughts that collide to the retina; because we “see” them, we re-live them, as if the electric impulse set by our optic system to our nervous system could be sent back by our brain, in some sort of inversion of the perception process.

In his last project, *Running Window*, Jorge Santos shapes, as he invites us to explore, a new sculptoric space and a place for reflection. A sensorial environment placed between reality and dream, whose massive evocative capacity manages to draw the visitor in, making him or her partake of it. This ease with which the artist includes the spectator in the work is one of the main characteristics we can find in all of Jorge Santos’ works, and one of the reasons why his works always bring us so much pleasure. *Running Window* is a space built with the craft of the artisan and the accuracy of the engineer. Here the artist conceives an atmosphere where the boundaries between nature and artifice seem to melt, where we doubt whether what we are observing are records of natural phenomena or a staging, entirely built by the artist, as it ends up being. Once again, Jorge Santos offers us one of his misty and unstable ambiances, this one resulting so suggestive. By depriving ourselves of the certainties where we usually go for support, this gives us the opportunity to make a virtue out of a necessity and to re-position, to re-think and to re-define ourselves, as spectators and as subjects in general.

*Running Corner*, *Skylight*, and *Running Curtain* are the three projections that compose this project. Three pieces made of voids and traces of light and time. Three works of a silent, clear, and almost melancholic beauty, of such a simplicity, and yet holding such an inquisitive potential, that they remind us of the haiku poems of zen philosophy. With these three pieces, Jorge Santos sets forward a separate and independent universe full of poetry, materializing in it his reflections on the matter of perception, concept around which his work gravitates. The installations composing *Running Window* make reference to an outside to which we do not have direct access, except through what seems to be its impressions: some forms of light, something of smoke, an appearance of wind and rain. The artist brings into the exhibition space an outside utterly defined by him, carefully unfolding in space its narratives, its time and melody.

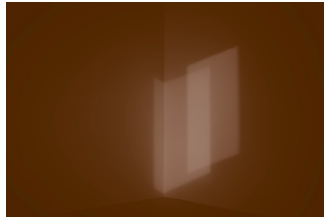
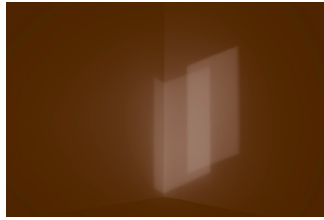
*Running Corner* gets our attention without pushing. The first blink of light claims us; with the second one, not needing to win us over, we follow the light track unveiling as it follows, bursting on the wall's surface. The light shapes explore the tension in space, its boundaries and its gaps; they seem to mark its measures in a pentagram that fades at the same time it draws itself. It is a dim light, of a purified intensity, drawing unclear shapes, like the ones allowed in by the *sōji*, in traditional Japanese architecture. The expressive strength of this light and the passing of time are used by the artist in the creation of atmospheres of severe and enigmatic beauty, magic almost, in modest places such is that of a corner; there is no doubt that Jorge Santos happens to be one of those "grand dreamers of corners, angles and hiding-places", so cherished by Gaston Bachelard.

In *Skylight*, Jorge Santos shifts from the vertical to the horizontal plane, this time placing the projection on the room floor. This time, the window chosen to establish the indoor/outdoor connections is a rectangular skylight whose shadow quickly reminds us of the iron and glass architecture of the 1800's, of train stations and the smoke of coal burning in the boilers. The smoke in *Skylight* is too dense and whirls too strongly to resemble vapour water, and not combustion of organic matter.

*Raining Curtain* is the third piece shown to us before we leave the room. Jorge Santos imprints his personal touch to a strategy widely used by kinetic artists, endowing it with the poetry and the density of meaning which characterize his works. The rain of light slides across the folds of this canvas with no scenery. As with the previous pieces, the careful viewing of this work results as an almost hypnotic experience; its discontinuous and ceaseless movements rock us and lead us to that sleepy trance-like condition, like repetitive chanting usually does, from lullabies to oriental mantras, believed to be at the origin of good thoughts.

The three pieces composing *Running Window* ask us to slow down time, as we move forward and observe. They also leave out clues so that we can make a more complex reading of things, finding out the ordinary that we usually miss in them. Jorge Santos offers us much more than just objects: he offers us sensorial experiences, sensual and poetic, whose taste remains with the visitor long after he leaves. This is the major attractiveness of the spaces touched by the artist we are dealing with: the ease with which they "activate" the spectator who, unexpectedly, finds himself participating as much in the artist's reflections, as creating his own. Through evocation and metaphor, *Running Window* is a beautiful cast of doubt, making us question, deep within our vast interior self, the memories of perception and the knowledge grounded in them. It is a "reflexive space", one of those mechanisms that set the spectator in motion, that "e-motions" him, stirs him inside, creating a vibration so soft and at the same time so hard to extinguish.

-



Editor . *Editing*  
Jorge Santos

Textos . *Texts*  
Filipa Oliveira  
Ana Lamata

Fotografias . *Photos*  
Jorge Santos

Traduções . *Translations*  
Margarita Cardoso de Menezes  
Desmond Rome, Cláudia Pinto  
Suzanne Cuel

Revisão . *Revision*  
Jorge Santos, Claudia Pinto, Margarida Cardoso de Menezes

Design  
Flatland Design

Impressão . *Printing*  
Impriluz Gráfica, Lda.

Tiragem . *Print Run*  
500 exemplares

Depósito legal . *Duty copy deposit number*  
265 380/07

Agradecimentos . *Acknowledgements*  
Claude Bussac, Manuel da Costa Cabral, Jean-Pierre Étienvre, Suzanne Cuel,  
Bertrand Chacun, Luísa Ramos , António Câmara Manuel, Paula Custódio, Nuno Carrusca,  
Sílvia Estiveira, Filipa Oliveira, Paulo Freitas, Sofia Gonçalves, Helena Brito, Lina Delgado  
Soares, António Oliveira Soares, Yvan Nommick, David Henriques

Duplacena  
co-productora da instalação . *co-producer of the instalation*

Fracção P

Apoio . *Support*  
Filipa Pato, Vinhos & Espumantes  
Arte Contempo

